

# Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão

## Territory and transvestite prostitution: a contribution for discussion

*Marcio José Ornat*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O espaço geográfico é resultado de inter-relações, constituído através de interações que possibilita a existência da multiplicidade. Por ser um produto social múltiplo, este pode ser analisado a partir de inúmeros recortes grupais e escalas espaço-temporais. É sob este prisma que este texto discute a possibilidade de pensarmos a atividade comercial – sexual de um grupo específico, a luz de sua espacialidade distinta, o território. Tal pesquisa foca um grupo social que mediante táticas de conquistas espaciais ultrapassam as categorias de masculino e feminino. Desta forma, utilizamos uma abordagem da relação sujeito - território, problematizando as ações espaciais realizadas por este grupo focal e a dinâmica entre o território da prostituição e a travesti, contribuindo assim, com a produção da Geografia da Sexualidade.

Palavras-Chave: Sexualidade. Prostituição. Travesti. Território. Geografia.

**Abstract:** Geographical space is the result of social relations based on interactions from which multiplicity can arise. As such, space is a multiple social product and can be analyzed from different angles, both from the perspective of social groups involved and from a time-space scale from outside. Our text discusses the possibility of reflecting on the sexual-commercial activity of a specific group, the transvestites, referring to its distinct spatiality, its own territory. Such an approach focuses on the social aggregation of persons whose categories go beyond common definitions of male or female. Therefore, it discusses the construction of the relation subject-territory focusing on the problematic of spatial actions of this group and on the dynamics which do exist between transvestites and their territories of prostitution. As such, it is a contribution for a Geography of Sexuality.

Keywords: Sexuality. Prostitution. Transvestite. Territory. Geography.

### A RELAÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO E A PROSTITUIÇÃO TRAVESTI

A linearidade entre sexo, gênero e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contem-

porânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob esta perspectiva, os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos

qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural. O grupo focal eleito para esta reflexão é justamente aquele que desafia as explicações simplistas e complexifica a ordem estabelecida, as travestis. Apesar da norma da língua portuguesa tratar a palavra como relativa ao sujeito masculino, mantemos nesta reflexão o termo no feminino a fim de respeitar a identidade do grupo. São seres que possuem uma fisiologia masculina, mas relacionam-se com o mundo a partir do gênero feminino.

Esta simples explicação do ser travesti apresentada anteriormente é necessária no sentido de delimitar minimamente o grupo focal, pois se sabe que há polêmicas em torno das definições de seres que não se enquadram nos pólos femininos e masculinos, tradicionalmente estabelecidos no campo científico, político e social. Peres (2005), em sua tese doutoral considerava as travestis como componentes do grupo chamado de 'transgênero', tradução inglesa de *transgender*. Para este pesquisador, a categoria poderia contemplar todos os indivíduos que não se enquadram em um dos lados das bi-polaridades, masculina ou feminina, englobando, além das travestis, outros grupos como o/as transexuais, *drag queens*, transformistas. Todavia, ao observarmos o movimento das reivindicações e da ação política das travestis, se argumenta a necessidade de se conceber as travestis fora do grupo de transgênero. Isso porque elas possuem demandas sociais específicas em relação às transexuais, por exemplo, também componentes do grupo de transgênero. Embora haja ainda muito a ser debatido sobre as categorizações e as afiliações de sujeitos à determinadas nomenclaturas, esta não é uma tarefa

para este momento. Utilizamos o termo travesti para nomear pessoas que assim se identificam e que, em sua maioria, estavam envolvidas com a atividade da prostituição.

Estes corpos, culturalmente marcados e seus movimentos, são ações de comunicação, em que cada parte do corpo se entende como um símbolo, uma matriz da comunicação entre os indivíduos. Segundo a discussão realizada por Greiner, o local de ocorrência desta comunicação não é passivo, pois "o ambiente no qual toda mensagem é emitida, transmitida (...) nunca é estático, mas uma espécie de contexto sensitivo" (GREINER, 2005, p. 129). Ao nosso olhar, o território da prostituição travesti tem como um de seus elementos estruturantes a comunicação, tanto entre as travestis, como entre travestis e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais. Desta forma, existe uma relação estreita entre corpo e espaço.

As análises da Geografia Brasileira, no âmbito dos programas de pós-graduação, têm tratado a comunicação e a relação sexualidade - corpo - espaço como elementos periféricos. A partir de consultas realizadas entre o período de 19 a 23 de maio de 2008 no Portal Capes - Banco de Teses<sup>1</sup> e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações / IBICT<sup>2</sup> - constatamos que alguns temas não têm sido levados em consideração pela Ciência Geográfica, como por exemplo, se-

<sup>1</sup> "Relativo a teses e dissertações defendidas a partir de 1987. As informações são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados". Endereço: <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>

<sup>2</sup> "O IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) coordena o projeto da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), que busca integrar os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, bem como estimular o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico". Endereço: <http://bdtd.ibict.br/bdtd/busca/re.jsp>

xualidade, travesti, travestilidade, gay, lésbica, homossexualidade e prostituição, temas de menor importância nas reflexões envolvendo territorialidade e sociedade. Entretanto, vários trabalhos localizados em nossas buscas demonstram a variabilidade de possibilidades envolvendo estas discussões<sup>3</sup>. Em relação ao universo de publicações, outros caminhos teóricos têm sido tomados.

Na discussão feita por Haersbaert (2004), o território é analisado em suas mais diversas formas. Para o autor, este conceito é polissêmico, apresentando-se em três vertentes principais: o território político – referenciado no poder, um espaço delimitado e controlado, confundindo-se muitas vezes com o Estado - Nação; o território econômico – área como fonte de recurso incorporada à relação capital - trabalho; e o território cultural – como produto de uma apropriação e/ou valorização simbólica.

Outros autores, como Souza (2002) e Silva (2002), afirmam que o território é constituído na delimitação e apropriação do espaço. Esta ação seria possível pela intermediação de relações de poder, configurando-se como um campo de força, uma projeção espacial de relações sociais, que delimitariam ‘os de dentro e os de fora’, instituindo barreiras de restrição e exclusão de objetos, indivíduos e comportamentos. Este território demanda constante manutenção, pois além de fruto das relações de poder, é base para elas. Estas demarcações não necessariamente devem ser formais, podendo existir de forma rarefeita e/ou simbólica. Mesmo divergindo em algumas questões, o território é aceito como pressupondo a existência de espaço – fronteira - poder.

Aprofundando a discussão sobre o conceito de território, Silva (2000) demonstra a partir de um diálogo com Holzer (1997), que quando considerado o poder como elemento preponderante do território, são deixadas de lado outras formas de territorialidades, não relacionadas em um primeiro momento à questão das delimitações de áreas pelo poder. Segundo a autora, o território “pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social” (SILVA, 2000, pg. 7), sendo a expressão da constituição do mundo pessoal e subjetivo, envolvendo a instituição do eu em relação ao outro. Esta forma de apreensão da relação entre identidade e espaço também compõe a discussão realizada por Louro (2001). Para a autora, as minorias sexuais teriam como táticas de sobrevivência a ocultação da sexualidade, ou a conversão do segredo e segregação. Em sua afirmação, estes grupos não compõem uma ínfima parcela da sociedade, mas como majorias que são silenciadas, que no caminho de uma politização, “convertem o gueto em território e o estigma em orgulho (...)” (LOURO, 2001, p. 542).

À semelhança das discussões em relação ao território, o estudo do fenômeno da prostituição não é algo novo na ciência, tendo sido objeto de estudo de diversos ramos do conhecimento, nos programas de pós-graduação no Brasil, como a Antropologia, Psicologia, Sociologia, História, Saúde Pública, Enfermagem, Literatura, Ciência Jurídica, Comunicação Social, Ciências Sociais, Educação, Economia, Medicina, Arquitetura e Urbanismo<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento, ver: ANDRADE, 2000; SILVA, 2000; COSTA, 2002; MIRANDA, 2004; SOUZA, 2005; ALMEIDA, 2005; NABOZNY, 2008; ORNAT, 2008.

<sup>4</sup> Fonte: Portal Capes. Consulta realizada entre 19 a 23 de maio de 2008.

<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>  
<http://bdtd.ibict.br/bdtd/busca/resultSimples.jsp>

Na ciência geográfica a relação entre prostituição e espaço tem sido tratada com parcimônia, e até certa medida um não dito geográfico, pois dos mais de 56 trabalhos levantados no Portal Capes, apenas 7 se relacionavam a reflexões realizadas em programas de pós-graduação em Geografia. Outra questão nos chama a atenção. O primeiro trabalho fazendo uma discussão em torno da prostituição data de 1969, de autoria de Tullio Meniconi, intitulado “Contribuição para o estudo de alguns aspectos médico-legais e médico-sociais da menor na prostituição”, pela Faculdade de Medicina da USP, em tese de doutorado. Passa-se, desde este marco, 31 anos para a prostituição ser visualizada, enquanto interesse de reflexão, na pós-graduação geográfica brasileira, com o trabalho de Elisabete de Andrade, intitulado “O local e o cotidiano: O caso da zona grande de Belo Horizonte” na Universidade Federal de Minas Gerais, em dissertação de mestrado<sup>5</sup>.

No campo das publicações, alguns teóricos, buscando dar visibilidade à relação entre prostituição e espaço, demonstram a disposição de se colocar frente a temáticas consagradas e dignas de discussão acadêmica. Análises geográficas inovadoras, como feitas por Silva (2002) tendo por objetivo discutir a aplicabilidade do conceito de território nos estudos da prostituição, Ribeiro (1997) analisando as diversas configurações de conteúdo e significado dos espaços públicos que se colocam como locais de prostituição no bairro de Copacabana – RJ, Mattos e Ribeiro (1996) buscando delimitar e analisar os espaços de atuação da prostituição de prostitutas, michês e travestis, marca-

dos por seus limites e territorialidades, Campos (2000) discutindo a importância das práticas cotidianas como constituidoras de territorialidades, trazendo alguns exemplos das territorialidades do sexo em Recife – PE, e Villalobos (1999) analisando a relação entre sexo e território, a partir dos discursos dos viajantes europeus do Séc. XVI, e os territórios do sexo em centros urbanos ou em garimpos. Estes trabalhos sinalizam a riqueza e relevância do tema para a ampliação das possibilidades de análise do espaço.

Como tratado pelos autores, estes sujeitos, através de suas práticas, se apropriam de determinados espaços do urbano por um período de tempo. No momento em que impõe a este espaço uma dinâmica própria do grupo, espacializando suas posturas corporais e suas atividades, instituem seus territórios. Estes são vistos como campos de força que delimitam um grupo interno com identidades coesas em relação a grupos externos. Essas análises têm como pressuposto a idéia de indivíduos estáveis e acabados. Outra questão é o privilégio dado a concretude territorial da prostituição, vista sob o prisma de uma heterossexualidade normatizada. Todavia, estes trabalhos são de fundamental importância, pois abrem o caminho para a discussão sobre a territorialidade do comércio do sexo intra-urbano.

Se de um lado temos a não problematização desta relação, em outro temos a dificuldade de categorização da prostituição travesti dentro das formas de prostituição relacionadas às polarizações homem/mulher, masculino/feminino, hetero/homo, passivo/ativo, pois se relaciona a indivíduos que carregam consigo duas performances corporais, dependendo

<sup>5</sup> Todos os dados - fonte da reflexão podem ser encontrados no Portal Capes.

das preferências do cliente, homens no sentido fisiológico relacionando-se com o mundo como mulher.

Tais indivíduos rompem com as categorias clássicas de masculino e feminino. Este fato ocorre segundo Peres (2005), através do surgimento de novas identidades sexuais e de gênero. As análises que hoje se fazem a respeito deste fenômeno não são assentadas mais sob as orientações da biomedicina, mas ancoradas na afirmativa de que esta expressão da humanidade é intermediada por constrangimentos históricos, sociais e culturais, e ao nosso olhar, territoriais. A afirmação de Peres parte da proposição feita por Louro (1999), a qual argumenta que as práticas sexuais estão relacionadas a um conjunto de convenções culturais e plurais, pois é através da cultura que os corpos ganham sentido socialmente. Segundo a autora a prática sexual

envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nesta perspectiva, nada há de exclusivamente 'natural' neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é - ou não - natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas, os corpos ganham sentido socialmente. (LOURO, 1999, p. 11) .

As modalidades de sexualidade também seriam para Catonné (2001) relativas ao tempo e ao espaço. Em sua análise sobre a história da sexualidade, o autor defende a hipótese de que o fenômeno da homossexualidade tem existência no mundo desde a Babilônia. Dissertando sobre o processo de desenvolvimento da sexualidade no mundo, afirma que o hoje de nossas práticas

sexuais é o mesmo do momento em que se mostra visível um processo de descristianização, e "(...) como fenômeno de massa, este acontecimento nos parece visível na segunda metade do Séc. XX" (CATONNÉ, 2001, p.26).

Analisando este fenômeno, o autor demonstra diferentes práticas sexuais ao longo da existência da humanidade, como na Babilônia, na Grécia, em Roma - modelos estes anti-cristãos - e o próprio modelo cristão como elemento fundamental do ocidente. Na Babilônia a prostituição também se relacionava com a homossexualidade, atuando perfeitamente nos dois pólos. Porém, uma parte dos profissionais desempenhava especificamente um papel passivo na relação, não sendo tais relacionamentos reprovados pela sua cultura. Já na Grécia, o apetite sexual independia da orientação, realizando-se independente do sexo. A questão que tinha importância era a relação de atividade/passividade, sendo um problema para um cidadão ateniense uma relação passiva. Na sociedade grega, o papel culturalmente atribuído ao homem era o de ativo, sendo vergonhoso este ser encontrado na fase adulta em atos de passividade.

O modelo de bissexualidade, constituído pela relação privado - hetero e público - homo, e o culto à virilidade ativa, se estendera desde a Grécia até o império Romano, orientando-se para uma heterossexualidade de reprodução, não rompendo com a bissexualidade. Mesmo não existindo a norma heterossexual, o paganismo construiu claramente uma oposição entre passivo e ativo. O cristianismo introduziu a este mundo binário um outro par de opostos: uma homossexualidade interdita *versus* uma heterossexualidade única. Indo além, esta concepção identificou

o sexo com o mal, relacionando-o ao pecado original, abrindo uma nova página na história da humanidade.

Gostaríamos de alertar para o fato do estabelecimento da associação equivocada do termo travesti à prostituta, como se fossem sinônimos. Nem sempre uma travesti é também prostituta. Entretanto, como a maioria delas é excluída da possibilidade de viver em sociedade, estudar e trabalhar em outros setores, acabam tendo como única alternativa de sobrevivência econômica a prostituição. Tais constatações também foram feitas por Benedetti (2000). Entretanto, o autor aponta que os locais da prostituição travesti não são legitimados apenas como locais de auferição de renda, mas de sociabilidade e de aprendizado, condição à instituição de uma identidade grupal, auxiliando no processo de 'montagem do corpo', período contido entre a transformação do corpo gay andrógino ao corpo travesti, como já analisado por Larissa Pelúcio (2005). Para a autora o território seria de fundamental importância na formação deste indivíduo, denotando o fato de que esta pessoa constitui-se referenciada no grupo ao qual pertence territorialmente. Desta forma:

(...) as culturas investem diretamente sobre os corpos, articulando os planos físico, psíquico e social, que assim imbricados, permitem que se considere os planos simbólicos e o empírico como esferas articuladas, capazes de orientar todo um conjunto de práticas estruturadoras de experiência humana (PELÚCIO, 2005, p. 222).

Estes grupos desenvolvem laços identitários, um conjunto de normas tácitas de conduta para com os territórios. Mayol denomina esta legislação de conveniência: as formas como os corpos devem se portar e qual a recom-

pensa deste comportamento 'normal' (MAYOL, 1996). Participar do grupo territorializado significa aderir a um sistema de valores produzidos culturalmente, um conjunto de normas identitárias para cada território, devendo cada jogador realizar seus movimentos respeitando as regras instituídas.

Este conjunto de normas que são fundadas através da conveniência tem por suporte os corpos, com suas mensagens gestuais: um conjunto de códigos reconhecidos por seus pares de relação. Nestes códigos de comportamento estão presentes padrões de relações de gênero que são compreendidos de forma tácita pelos sujeitos sociais. Segundo Scott (1990) e Silva (2005), gênero é um grupo de idéias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem e ao que é ser mulher, uma categoria de espera comportamental que é posta sobre um corpo sexuado. Desta forma, o gênero seria como em Lauretis:

um complexo mecanismo – uma tecnologia – que define o sujeito como masculino ou feminino em um processo de normatização e regulação orientado a produzir o ser humano esperado, construindo assim as mesmas categorias que se propõe explicar (...) como um processo de construção do sujeito, elabora categorias como homem, mulher, heterossexual, homossexual, pervertido, etc. e se intersecta com outras variações normativas tais como raça e classe, para produzir um sistema de poder que constroem os sujeitos normais. (LAURETIS, 1989. In: PERES, 2005, p. 26).

Em outras palavras, são os papéis pré-definidos socialmente para os sujeitos diferenciados espaço/temporalmente, ditando normas de comportamento e de consumo sexual do corpo feminino e masculino. Esta

construção cultural dos papéis de gênero é constantemente tensionada, pois é através das ações que tais papéis são re-significados cotidianamente, estruturados em relações de antagonismos e complementaridades. Quando cada indivíduo, pertencente a um grupo social, espacializa sua sexualidade, cria uma auto-imagem corpórea (YOUNG, 2003), estando relacionada ao grupo de pertencimento e se fazendo legível por outras pessoas e grupos sociais.

O território da prostituição travesti pode ser visto assim, como constituído por repertórios corporais discursivos e interpretativos. São locais de fundamental importância no processo de construção do ser travesti. Estas performances não se estruturam apenas na reprodução e consolidação de papéis sociais pré-definidos, mas como na situação das travestis, na re-significação e construção de novas formas de comportamento.

### **GEOGRAFIA DA SEXUALIDADE: E A TRAVESTI?**

Examinando o rápido crescimento dos trabalhos tratando da espacialidade da sexualidade, Jon Binnie e Gill Valentine (1999) demonstram o estabelecimento de uma abordagem na Geografia de língua inglesa, denominada Geografia da Sexualidade. Do total de trabalhos publicados no período compreendido entre 1978 a 1997, referentes a esta abordagem, mais de 85% das publicações ocorreram na década de 1990<sup>6</sup>. Entretanto, além de elencar toda a produção relacionada a esta abordagem, os autores agruparam todas as publicações em relação a três áreas, a oposição urbano/rural, a

Geografia da Cidadania e a Geografia Urbana, nosso foco.

Como visto pelos autores, os primeiros trabalhos relacionando espaço urbano e sexualidade restringiram-se a demonstrar as geografias dos refúgios gays, já nos anos de 1978 e 1981. Contudo, o trabalho que recebeu maior número de citações foi a reflexão desenvolvida por Castells (1983) em "The city and the grassroots". Neste trabalho, Castells teve como foco o mapeamento e o estudo sobre espaços gays e lésbicos em São Francisco. Sua argumentação era de que a espacialidade de gays e lésbicas era um reflexo de seus respectivos papéis e comportamentos de gênero. Para Binnie e Valentine, o principal resultado das reflexões de Castells era de que tanto gays como lésbicas conduziam suas vidas de forma distinta, mas de acordo com a ordem social de gênero, ou seja, a diferenciação de papéis relacionados a homens e mulheres. Na sua espacialidade, os gays atuavam primeiramente como homens, atitude relacionada a uma maior territorialidade e a uma melhoria de rendimentos. Da mesma forma, lésbicas atuavam primeiramente como mulheres, não possuindo uma territorialidade, mas estando inseridas em redes informais.

O trabalho de Castells ganha mérito devido ao fato de que produziu uma representação cartográfica do fenômeno, dando atenção para o fato de que a espacialidade do gay era a base para a produção da identidade gay. Desta forma, os gays teriam um importante papel na organização interna das cidades, pelo menos no dito Renascimento Urbano das cidades norte americanas. Nota-se que os trabalhos relacionados a gays têm como foco o papel destes na reprodução do espaço urbano, na

<sup>6</sup> Década de 1970 - 2,5%; Década de 1980 - 8,6%; Década de 1990 - 88,9%. Fonte: Binnie e Valentine (1999).

economia política urbana, e mais recentemente, o complexo relacional entre identidade gay, espaço e lugar.

No tocante às sexualidades lésbicas, Binnie e Valentine (1999) apontam que estes grupos têm sido negligenciados nas reflexões envolvendo espaço urbano. Entretanto, outras orientações podem ser visíveis nesse conjunto, como por exemplo a organização clandestina em comunidades lésbicas em algumas cidades do noroeste americano, como em áreas residenciais lésbicas na América do Norte, Inglaterra e França, salientando a importância da política no estabelecimento de bases territoriais locais.

Tanto para grupos de gays como de lésbicas, várias pautas de discussão tem sido admitidas, como as relações entre economia política do espaço e política da sexualidade, culturas sexualizadas de consumo e produção de espaços sexualizados, o trabalho informal e institucional, e a gestão de múltiplas identidades na vida diária. Os autores demonstram que atualmente têm sido significativos os trabalhos relacionados aos aspectos menos visíveis de comunidades gays e lésbicas, tanto sobre o entendimento das comunidades como em relação ao ciberespaço de listas de e-mail na internet. Assim,

Como geógrafos, tivemos um progresso muito maior do que simplesmente marcar pontos nos mapas, no nosso entendimento dos múltiplos e fluídos meios em que as comunidades sexuais são imaginadas, negociadas e contestadas<sup>7</sup> (BINNIE & VALENTINE, 1999, p. 178).

Algumas lacunas são apontadas

<sup>7</sup> "As geographers we have indeed progressed a long way from marking dots on maps in our understanding of the multiple and fluid ways that sexual communities are imagined, negotiated and contested".

por Binnie e Valentine, como o pouco número de publicações relacionando as geografias de gays e lésbicas ao processo de globalização. Outras abordagens da Geografia têm produzido um 'não dito' relacionado a sexualidade, como nas áreas de Geografia dos Transportes e Geografia da População. Como visto, a Geografia Social e Cultural tem catalizado muitas discussões envolvendo as diferenças sexuais, diferentemente de vários sub-campos ainda ligado à matrizes positivistas. Entretanto, este fato por si só não explica a pouca atenção que os geógrafos, segundo os autores, tem dado às identidades sexuais hegemônicas e a heterossexualidade, pois

Infelizmente, não temos muitas testemunhas que trabalhem na Geografia da Sexualidade nessas áreas, e o etnocentrismo da literatura sobre a sexualidade e o espaço se mantém largamente não desafiado<sup>8</sup> (BINNIE & VALENTINE, 1999, p. 183)

Temos algumas ressalvas a fazer em relação à produção internacional da Geografia da Sexualidade. Primeiramente, os grupos focais eleitos majoritariamente para as reflexões tem sido grupo de gays e lésbicas. Tem-se deixado de lado outras formas de sexualidade como transsexuais, *drag queens* ou as travestis. A segunda colocação parte do fato de que os grupos que têm sido objeto de estudo são aqueles localizados predominantemente nos países europeus e norte americanos. Pouca coisa se tem dito sobre as outras formas de sexualidade desviante localizadas em países que não tem como língua oficial o Inglês.

Na Geografia Brasileira, esta abor-

<sup>8</sup> "Unfortunately we have yet to witness much work on the geography of sexuality in these areas, and the ethnocentricity of the literature on sexuality and space remains largely unchallenged".



dagem coloca-se como um desafio, tendo visto o pequeno número de trabalhos, tanto em formato de publicação, como produzidos nos programas de pós-graduação em Geografia. Como exemplo, da busca realizada ao Portal Capes, tendo como palavras-chave as expressões sexualidade, travesti, gay, lésbica e transsexual, obtivemos: do Banco de Teses dois trabalhos para sexualidade, um trabalho relacionado a lésbica, e nenhum termo encontrado relacionado a travesti, homossexual e transsexual; na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações obtivemos um trabalho tanto para sexualidade como para travesti, um trabalho relacionado a homossexual e nenhum registro referente a gay, lésbica e transsexual<sup>9</sup>. Temos tido direito de fala, a partir do acesso, em formato de apresentação, em encontros geográficos regionais e nacionais como os encontros da ANPEGE<sup>10</sup> do NEPEC<sup>11</sup>. Mas percebemos que pouco se tem dito sobre esta abordagem recente na Geografia Brasileira. Devemos aceitar este desafio como pesquisadores, passando a considerar mais esta abordagem, pois como dito por Cosgrove, a “Geografia está em toda parte”<sup>12</sup>. Devemos aceitar que quando nos calamos em relação à espacialidade de um fenômeno como a sexualidade, destruimos a academia enquanto lugar libertário, de grandes invenções, sonhos, criatividade e debate; ao contrário, reproduzimos uma academia preconceituosa e elitista, que julga quais temas nobres devem

merecer atenção da ciência geográfica, e quais devem ser calados.

### **TERRITÓRIO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI: O EXEMPLO DE PONTA GROSSA - PARANÁ**

As práticas de comércio do sexo travesti se iniciaram na cidade de Ponta Grossa a partir da década de 1970. A implantação de casas de prostituição de profissionais do sexo foi bem anterior, tendo indicativos que esta atividade remonta à primeira metade do Séc. XX. Convém salientar que estes dois tipos de prostituição convivem até hoje, tomadas as suas especificidades. Além do primeiro território acessado pelas travestis denominado de Nova Rússia, a área central da cidade, que entendemos como território travesti, foi sendo acessado a partir da década de 1980.

Estabelecemos como grupo focal para a presente investigação onze pessoas que se auto-identificam como travestis, todavia aquelas que retiram seu sustento da atividade da prostituição em Ponta Grossa – PR<sup>13</sup>. Ao mesmo tempo em que a área central era acessada, novas travestis surgiam, trazendo consigo suas experiências de vida e complexificando as relações estabelecidas no grupo. Com o passar do tempo o grupo se desfez, devido a motivos de falecimento por infecção de DSTs – Aids, assassinatos ou ainda por migração e fixação em outros locais. Do grupo inicial, apenas duas travestis são

<sup>9</sup> Para maior aprofundamento ver: MIRANDA, 2004; OURIQUES, 2003; SOUZA, 2005; NABOZNY, 2008; ORNAT, 2008; COSTA, 2002.

<sup>10</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia.

<sup>11</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura / UERJ.

<sup>12</sup> COSGROVE, Denis. A Geografia Esta em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In CORRÊA, R. L., ROZENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª Edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

<sup>13</sup> Tivemos acesso ao grupo a partir de uma parceria entre Grupo de Estudos Territoriais GETE – UEPG e a Organização Não-Governamental Renascer / Ponta Grossa – PR, a qual nos deu seu aval junto ao grupo. A ONG é uma instituição que atua na luta pelos direitos humanos e realiza ações para combater e prevenir doenças sexualmente transmissíveis junto à profissionais do sexo, gays, lésbicas, travestis, bissexuais e transexuais em Ponta Grossa – Paraná.

da época em que a atividade se estabeleceu em Ponta Grossa. As demais que hoje batalham<sup>14</sup> surgiram em outros momentos do processo constante de instituição dos territórios da prostituição travesti central.

O local que hoje é o território travesti foi escolhido devido às suas características peculiares: pouca circulação de carros familiares nos horários em que as travestis estão trabalhando, vias com acentuada passagem de pessoas que cruzam a cidade, ou pela cidade, e área em sua maioria comercial. O grupo totaliza, em dias de bom movimento, quinze travestis. Mesmo se constituindo como um pequeno grupo, as travestis alcançam uma média de aproximadamente 1.500<sup>15</sup> programas/mês/grupo, demonstrando o quanto esta atividade é efervescente no município.

A experiência espacial das travestis desenvolve-se marcadamente por interdições e práticas de apropriação de determinados espaços do urbano por um período de tempo. É nesses espaços apropriados que elas conseguem impor condutas consensuais no grupo e desta forma, instituem os territórios da prostituição travesti. É apenas na prática da prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e identificada socialmente. Embora haja organizações não - governamentais em que a participação das travestis ocorre, a visibilidade do grupo é constituída pelos espaços apropriados pela atividade da prostituição.

Na exploração de nosso campo, detectamos tanto um

espaço de interdição - relacionado a frases como *as travestis não têm espaço para viver na cidade* - e de acolhida - visto nas frases como *se aprende a ser travesti na rua*. Do confronto entre estas duas perspectivas podemos evidenciar este paradoxo: é da interdição à existência das travestis na sociedade heteronormativa que elas resistem na atividade da prostituição provocando desejos, fantasias sexuais proibidas pela moral cristã ocidental, mas, mesmo assim, reais e concretamente vividas estrategicamente no escuro da noite e no silêncio cúmplice entre travestis e clientes.

Tínhamos por orientação compreender a influência do território da prostituição travesti em seu processo de transformação. Assim, aplicamos roteiro de entrevista visando conhecer as distintas formas de influência do território no processo do 'devir' travesti. Desta forma, chegamos ao seguinte panorama da relação. Suas falas se colocaram em três formas de evocação do território: *considerações gerais referentes ao território, o território enquanto um local de aprendizado geral e o território como o local de aprendizado para o 'vir a ser' travesti*, como visto na tabela abaixo:

Tabela 1: Considerações em Relação as Evocações do Território enquanto elemento da transformação da travesti<sup>16</sup>.

| Considerações                | Evocações | Percentual |
|------------------------------|-----------|------------|
| Gerais ao Território         | 5         | 16,6 %     |
| Aprendizado de Comportamento | 12        | 40,0 %     |
| Transformação do Corpo       | 9         | 30,0 %     |

Fonte: Entrevistas realizadas com as travestis entre 1o. de fevereiro de 2007 a 18 de abril de 2007.

<sup>14</sup> Termo utilizado pelo grupo relacionado a atividade diária da prostituição.

<sup>15</sup> Acompanhamento realizado junto as travestis buscando qualificar as características gerais dos programas realizados, período este contido entre 14/11/06 a 20/12/06.

<sup>16</sup> 13,4% desconsideraram qualquer relação entre o território e seus processos de transformação.

Nas *considerações gerais* relacionadas ao território da prostituição travesti, este se apresentou como um local de construção de amizades e redes de solidariedade, mas como também um local de exposição do corpo. Se de um lado as travestis reconhecem que o território da prostituição travesti é o meio através do qual elas conseguem ser independentes, possibilitando o acesso destas ao vestuário, a alimentação e a moradia, por outro salientam que esta é a única alternativa de sobrevivência, como visto na fala de uma das colaboradoras:

(...) Quando eu cheguei na cidade, eu fiz um monte de currículo, um monte, e distribui na cidade inteira (...) mas o povo olhava no currículo, olhava na foto e olhava para mim, perguntando: este currículo é teu mesmo? (...) Daí eu tive que ir para a rua, vou viver como. (Travesti Colaboradora 3. Entrevista realizada no dia 28 de março de 2007).

Nas evocações que trataram o local da prostituição travesti como um *local de aprendizado relacionado ao comportamento das travestis* ficou claro que este cotidiano não é estruturado a partir de amabilidades, não sendo apazível às pessoas que participam desta atividade. O território é um local de aprendizado de comportamento, em que os conteúdos socializados referem-se à esperteza, à força e à malícia, elementos sempre lembrados nas falas das travestis. Devido à homofobia constitutiva de nossa sociedade, muitas das colaboradoras criam um 'escudo', como visto nas falas:

(...) Eu não consigo ser mais eu, assim. (...) O que me mudou? Teve uma influência total. Hoje eu sou uma pessoa mais forte. Quando eu era criança, se uma pessoa me falasse alguma coisa

para mim eu chorava, (...) hoje em dia eu retruco. (...) Eu não sou uma pessoa ingênua, que acreditava no príncipe encantado. (Travesti Colaboradora 10. Entrevista realizada no dia 20 de março de 2007).

Se o território da prostituição travesti é um local hostil, a única forma de sobrevivência é aprender a viver no grupo, a conviver com os conflitos grupais e a lutar contra o preconceito. Este aprendizado se faz através do grupo, mas também na socialização propiciada pela madrinha que, de forma geral, cada travesti teve ou tem. Estas relações, todavia, ocorrem em sua grande maioria através do território da prostituição travesti. Isto fica claro a partir da personificação do território:

(...) Primeiro, a rua me ensinou a ser corajosa. (...) Porque eu tive coragem de vestir uma mini-saia e ganhar meu pão de cada dia. (...) Segundo, a humilhação é muita, bastante. Me ensinou a agüentar a humilhação. De ter que ficar aqui e ter que dar um sorriso para não explodir. E terceiro e último, dar muito valor a Deus e as pequenas coisas. (Travesti Colaboradora 9. Entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2007).

A verificação e a aceitação de que o mundo não é aquilo que sempre acreditamos ser foi demonstrada em diversos momentos das falas, apontando para o fato de que o cotidiano no território afeta emocionalmente as travestis. Percebe-se claramente que cada travesti, à sua forma, problematiza sua vida. A travesti colaboradora 3 apontou que a principal influência do território da prostituição travesti foi a mudança psicológica que teve. Ela nunca havia se imaginado na prostituição da rua, como visto em sua fala:

Porque na boate é outra coisa, vai lá

quem tá afim mesmo, não passa terceiros, não passa família, não passa criança. Isso sim, o meu psicológico afetou bastante nisso. Afetou porque eu vejo uma criança na rua, eu vejo o meu irmão passando ali me vendo. (...) Pra família é agressivo, mas para mim também. (...) A rua amadureceu a minha cabeça (Travesti Colaboradora 3. Entrevista realizada no dia 28 de março de 2007).

Nas considerações em relação à transformação do corpo todas as falas apontaram para a importância do território da prostituição travesti no processo de transformação de um corpo masculino à um corpo travesti:

(...) no começo você não sabe se maquiagem, mas você vê uma, duas ou três vezes, você pega todo o macete, o truque como que é. O cabelo também (...). Isso a gente aprende na noite. Isso a gente aprende vendo. (...) Muito da feminilidade que eu sou hoje eu aprendi na noite. (Travesti Colaboradora 2. Entrevista realizada no dia 5 de março de 2007).

Já para a minha transformação, me ensinou a ser mais feminina, né. (...) Me tornou mais mulher. (...) O lugar na noite me ajudou para eu ser bem mulher, totalmente mulher. Totalmente feminina, a minha cabeça mudou totalmente. (Travesti Colaboradora 9. Entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2007).

Eu aprendi na rua, tudo eu aprendi na rua. A minha vida mudou. (...) O travesti vira travesti na rua. Como eu falei para você, eu nem sabia que travesti era ativa. Eu fiquei assustada, a primeira vez que eu fiz ativa, eu fiz dando rizada (...). (Travesti Colaboradora 10. Entrevista realizada no dia 20 de março de 2007).

Suas falas relataram que é através do território que as travestis se tornam mais decididas, mais firmes, mais fortes, mais 'espertas', comportamentos

úteis para a vida na rua e na noite. Quando tratados pelas travestis que a noite ou a rua tem ensinado algo a elas, trata-se pois, da dimensão espacial destas, o território. O território da prostituição travesti é um amálgama, constituído por afetos, disputas, relações amorosas e comerciais, estruturado em redes de significados que as travestis constroem em relação ao território e sobre si mesmas.

Estas informações fornecem coerência às suas experiências cotidianas. É através da observação, que as travestis reconhecem as práticas a serem apreendidas, incorporando através da vivência cotidiana, no local de trabalho, as técnicas corporais fundamentais. É através do território que as travestis se tornam travestis, aprendendo a se vestir, a se maquiagem, incorporando os elementos identitários do universo feminino ao corpo biologicamente masculino, concretizando a transgressão da ordem e da norma heterossexual.

O confronto entre o saber sobre o espaço urbano produzido pelas travestis e o saber acadêmico formal produziu novas perspectivas e leituras da cidade. Nós, enquanto pesquisadores posicionados fora do grupo focal, concebíamos o território numa diferenciação entre o grupo de travestis na atividade de prostituição e os outros que não compartilhavam dos mesmos valores e atividades. Esta posição simplista da manifestação de limites de fronteiras entre grupos e da expressão material do fenômeno da prostituição foi derubada pelo saber das travestis. Uma expressão comum do grupo é que *os mesmos homens que fecham as portas durante o dia são os que abrem as pernas à noite*, o que nos colocava um questionamento sobre a constituição das categorias opostas *outsider* e *insider*.

A relação com o grupo nos possi-

bilitou construir o argumento de que é justamente a força da interdição socioespacial que possibilita o fortalecimento do território da prostituição travesti, já que este é o único espaço que lhes possibilita reconhecimento social, independentemente de sua valorização moral. Nesse sentido, exclusão e apropriação espacial não se anulam em campos oposicionais, pelo contrário, entrelaçam-se e potencializam-se numa espiral constante e complementar, constituindo um território que é multidimensional.

A vida cotidiana das travestis é marcada pela exclusão e é através das pequenas brechas que elas podem desenvolver suas táticas de sobrevivência. A existência das travestis é marcada por uma diversidade de ameaças, desde assaltos, brigas, rivalidades, violência, drogas e discriminação. Tais ações são resultados da consideração de que estes indivíduos são pessoas anormais, não pertencentes a uma sociedade que é tolerante com prostitutas/os, mas invariante com travestis.

Esta diferenciação entre a prostituição heterossexual – homossexual é como apontado por Welzer-Lang (2001), ancorada em uma visão heterossexista do mundo, em que a sexualidade tida como normal é a estruturada entre homens e mulheres. Outras formas de corporalidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais, transgêneros ou travestis, tidas no limite como diferentes, são calcadas num modelo que tem por objetivo normatizar padrões sexuais ditos normais. Como salientado pelo autor, isto condiz com uma prática heterossexista, em que instituições (família, igrejas, escolas,...) e grupos sociais salientam uma pseudo-superioridade da heterossexualidade frente à homossexualidade, sendo direcionada como preconceito aos homossexuais.

A matriz heterossexual que organiza o esquema binário passivo/ativo constitui posições estruturais, podendo ser ocupada por homens ou mulheres. Nossa sociedade patriarcal valoriza os que ocupam estas posições, hierarquizando homens e mulheres em relação a estas performances de atividade e passividade, onde a própria categoria de gênero é que separa o mundo em duas metades: homens e mulheres, como separação universal, onde é dada a cultura o papel de operar as construções materiais e simbólicas, uma versão de sociedade estrutural.

O esquema binário é anterior à própria categorização de gênero, como nas orientações metafísicas de céu e inferno, bem e o mal, em cima e embaixo, superior e inferior, ativo e passivo, penetrante e penetrado etc. Coloca-se como um grande desafio à Geografia Brasileira, além de assumir a pauta da sexualidade, a de se reconhecer a pluralidade deste elemento da humanidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe como proposta de reflexão a relação entre território e prostituição travesti. Nesta relação, o território constitui-se como um dos elementos, tanto relacionado ao aprendizado do comportamento, forjando um indivíduo que não deve ser ingênuo, mas sim corajoso, forte, esperto e maduro, frente ao cotidiano, como no processo de transformação do corpo andrógino ao corpo travesti. Este não se coloca como um tema isolado, mas demonstra a necessidade de abertura da pauta das reflexões envolvendo sexualidade e espaço. Como visto, pouco tem sido feito, tanto no ambiente de publicações, como nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil,

onde os temas referentes a sexualidade, travesti, travestilidade, gay, lésbica, homossexualidade tem se colocados como periféricos e de menor importância nas análises envolvendo territorialidade e sociedade. Da mesma forma, o temário referente à prostituição, diferente de outras áreas do conhecimento, tem sido tratado na Geografia Brasileira como um não dito geográfico, tendo visto o pequeno número de publicações, de trabalhos e a atualidade das mais antigas reflexões nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

O panorama das reflexões envolvendo sexualidade e espaço é completamente distinto nos países de língua inglesa, colocando-se como uma abordagem consolidada, nascida desde o final da década de 1970, denominada Geografia da Sexualidade. Contudo, este trabalho vem privilegiando apenas sexualidade gays e lésbicas em sua grande maioria, sendo deixadas de lado outras formas de sexualidade como transsexuais, *drag queens* ou as travestis. Outra questão é o fato de que os grupos selecionados para reflexão são aqueles residentes predominantemente nos países europeus e norte americanos, ficando fora desta abordagem as formas de sexualidade localizadas em países que não tem como língua oficial o inglês.

Esta abordagem coloca-se como um desafio, tendo visto o pequeno número de trabalhos, tanto em formato de publicação, como produzidos nos programas de pós-graduação no Brasil. E mesmo que existam poucos espaços de diálogo, pouco se tem discutido sobre esta nova abordagem. Acreditamos que a Geografia está em toda parte. Quando tomamos esta posição teórica e política, construímos uma academia como lugar libertário, de grandes invenções, sonhos, criatividade e debate. Quando aceitamos, de forma não-homofóbica, a

multiplicidade da sociedade, aceitamos a multiplicidade das suas espacialidades.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luciana Rachel Coutinho de. **Do centro às margens e das margens ao poder: um olhar geográfico sobre os territórios da prostituição feminina na avenida Conselheiro Aguiar, Boa Viagem / Recife – PE.** 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

ANDRADE, Elisabete de. **O local e o cotidiano: o caso da zona grande de Belo Horizonte.** 2000. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis.** Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

BINNIE, Jon.; VALENTINE, Gil. Geographies of sexuality – a review of progress. **Progress in Human Geography**, v.23, n.2, p. 175-187, 1999.

CAMPOS, Heleniza. Permanência e mudança no quadro de requalificação espacial de cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central do Recife. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v.9, jul/dez 2000.

CASTELLS, Manuel. **The city and the grassroots.** Berkeley, CA: University of California Press, 1983.

CATONNÉ, Jean. Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COSGROVE, Denis. A geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** 2. ed., Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Benhur Pinos da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações.** 2002. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

- GREINER, Cristine. **O corpo**: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.
- HAERSBAERT, Rogério. **O mito da des-territorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HOLZER, Werter. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul./dez, p. 77-85, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. Queer theory: a post-identity politics for education. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.2, p.541-553, 2001.
- MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Revista Território**, v.1, n.1. Rio de Janeiro, jul./dez, 1996.
- MIRANDA, Leonardo dos Passos. **Rio de Cinema**: made in Brazil, made in everywhere: o olhar norte-americano construindo e singularizando a capital carioca. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- NABOZNY, Almir. **A complexidade espacial da exploração sexual infanto-juvenil feminina**: entre táticas e estratégias de (in)visibilidade. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. PR.
- ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa PR**. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. PR.
- OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção da turismo: fetichismo e dependência**. 2003. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente, SP.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre prostituição travesti. **Revista Semestral do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu**. Universidade Estadual de Campinas, jul./dez, p.217-248, 2005.
- PERES, Willian Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, UERJ, Rio de Janeiro – RJ.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a avenida Atlântica e a procura de prazer. **Revista Território**. Ano II, n.3. Rio de Janeiro, jul/dez. 1997.
- \_\_\_\_\_. **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João de Meriti, Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002.
- SANTOS, Jocélio Telles dos. Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**. v.40, n. 2, São Paulo, 1997.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez., 1990.
- SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João de Meriti, R.J.: Ecomuseu Fluminense, 2002, p. 16-56.
- SILVA, Joseli Maria. Culturas e territorialidades urbanas. **Revista de História Regional**, v.5, n. 2, inv. 2000. Disponível em: <http://www.rhr.uepg.br/v5n2/joseli.htm> Acesso em: 13 set. 2006.)
- \_\_\_\_\_. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografias**: conceitos e temas. 2 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-115.
- VILLALOBOS, Jorge Guerra. Geografia e sexo: os discursos e praticas no território brasileiro.

MARCIO JOSÉ ORNAT

**Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona, v.45, n.53, ago. 1999.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas.** v.9, n. 2, 2001. Disponível em [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 16 jan. 2005.

YOUNG, Íris Marion. Throwing like a girl: a phenomenology of feminine body comportment, mobility, and spatiality. In: Alcoff, Linda Martín ; Mendieta, Eduardo (eds.) **Identities: race, class, gender and nationality.** Oxford. Blackwell Publishing, 2003.

(Recebido em 07/02/2007 e aceito para publicação em 09/11/2007)